

OPINIÃO

2

O que queres ser quando fores grande? A pergunta que (ainda) tem género



Paloma García

O que queres ser quando fores grande? Esta pergunta recorrente, feita por pais, família e amigos, pretende explorar a orientação vocacional de crianças – por vezes demasiado novas –, e de adolescentes. Mas raramente se questiona como é que esses desejos são construídos. Serão escolhas livres ou, talvez, respostas pré-configuradas por um guião social que vamos interiorizando ao longo dos anos, sem nos darmos conta?

• • • • •

Os dados, reais e implacáveis, revelam uma profunda e estrutural desigualdade de género.

• • • • •

A resposta parece estar nos números. Por exemplo, em Espanha, na área da informática, as mulheres representam menos de 20% dos formandos, enquanto nas áreas da Educação e da Saúde ultrapassam os 75%. Esta segregação não se limita às salas de aula: apenas 17,5% da população ativa com formação em STEM são mulheres. Os números, frios e implacáveis, desenharam um mapa de uma profunda e estrutural desigualdade de género.

Por detrás destes dados, não está apenas a ausência de vocações. O que realmente está em causa é um imaginário coletivo que, de forma subtil, mas poderosa, dita desde a infância quais são os gostos, as aptidões e os territórios “naturais” de mulheres e homens. Este cenário mental, partilhado socialmente, não é inocente: reproduz e perpetua uma divisão de género clara no trabalho remunerado. Ao encaminhar o talento feminino, quase de forma automática, para esferas ligadas ao cuidado e às áreas humanísticas, está a erguer barreiras invisíveis – mas muito reais – que afastam raparigas e mulheres dos espaços onde se desenha e codifica o futuro: a tecnologia, a engenharia e a matemática. O desafio, portanto, vai muito além de encorajar as raparigas a escolherem uma carreira técnica. Trata-se de desmontar, “tijolo a tijolo”, as fundações sobre as quais construímos os seus sonhos.

• • • • •

Se o imaginário coletivo ou social traça o caminho

Se o imaginário coletivo ou social traça o caminho, é no campo da identidade de género que se trava a batalha pessoal para seguir ou desviar desse percurso. Enquanto o imaginário é externo (o que é “esperado”), a identidade de género é a vivência interna, profunda e sentida que cada pessoa tem em relação à sua própria perceção de género e forma-se em constante interação com esse ambiente social.

Desde cedo, recebemos um elevado número de mensagens sobre o que significa “ser menina” ou “ser menino”. Essas mensagens não são neutras: vêm carregadas de atributos, cores, brincadeiras e, crucialmente, expectativas de aptidões. O feminino é associado à empatia, ao cuidado e à expressão verbal e o masculino à racionalidade, competência técnica e orientação para os objetos (interesse por coisas em vez de pessoas).

O conflito surge quando uma rapariga com talento e curiosidade inata pela tecnologia, mecânica ou matemática percebe que esse interesse não se enquadra no “guião” do género que lhe foi atribuído. É então que entram em ação poderosos mecanismos de dissuasão. Por exemplo, a síndrome da impostora, com aquela dúvida constante: “Estarei realmente capacitada para isto?” ou a “pressão pela coerência”, em que o ambiente (companheiro, família, por vezes formadores) pode, de forma inconsciente, pressionar para que se alinhe com interesses “mais adequados” ao seu género.

Perante esta realidade, a pergunta deixa de ser por que há tão poucas mulheres em STEM para passar a ser como se constrói um ecossistema que não só as convida, mas também as retenha e valorize. A resposta não passa por mudar as raparigas, mas por transformar o ambiente à sua volta. O desafio, por isso, vai além dos números: trata-se de criar um espaço onde a identidade de género deixe de ser uma camisa de forças que limita a expressão do talento e onde toda a curiosidade científica possa encontrar o seu caminho sem filtros.

• • • • •

Se não nos vemos refletidas nos livros, nos media ou em referências, dificilmente as mulheres se conseguem projetar como engenheiras ou cientistas.

• • • • •

Para quebrar este ciclo, é urgente criar esses espelhos: o sistema educativo deve integrar programas de *mentoring* com mulheres em STEM e rever os seus materiais; as empresas devem cultivar culturas genuinamente inclusivas, que vão além das quotas e promovam a liderança; e vocês, raparigas, procurem a vossa tribo, façam perguntas sem receio e reclamem com confiança o vosso espaço na inovação. A vossa perspetiva única é fundamental para construir um futuro tecnológico mais humano.